

HISTÓRIA E LITERATURAS MEDIEVAIS

Resenha: GARCÍA, Antonio Rubial; MOCTEZUMA, Israel Álvarez, (Coord). *Historia y Literatura: Textos Del Occidente Medieval: Memorias del Primer Coloquio del Seminario Interdisciplinario de Estudios Medievales*. México, D. F. Universidad Nacional Autónoma de México. 2010, 164p.

Gustavo Ogando Insuela Camargo

Graduando em História na Universidade Federal da Bahia

O livro discutido nesta resenha foi o resultado do “Primeiro colóquio de história e literatura: textos do ocidente medieval”, realizado na Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade Nacional Autónoma de México em 21 e 22 de novembro de 2007 e organizado pelo Seminário Interdisciplinar de estudos medievais. O livro foi coordenado por Antonio Rubial García (Doutor em história, professor da Universidade Nacional Autónoma de México, investigador nacional nível 3 do “ Sistema Nacional de Investigadores de México” desde 1990) e Israel Álvarez Moctezuma (Mestre em História, professor na Universidade Nacional Autónoma de México, coordenador acadêmico e diretor editorial da Faculdade de Filosofia e Letras) e é, na verdade, uma seleção de apresentações do dito seminário, buscando dar uma mostra do que estava sendo trabalhado e discutido dentro do campo naquele contexto.

É preciso ressaltar que este livro - assim como o seminário que o originou – está inserido em uma conjuntura acadêmica maior. Há uma iniciativa por parte de professores e estudantes dos cursos de História, Letras Clássicas e Letras Hispânicas para resgatar e facilitar o acesso a textos medievais. O intuito é começar a solidificar as bases para o desenvolvimento do medievalismo no México e renovar o interesse pelo campo. Essa iniciativa envolve atividades como tradução e contextualização de textos históricos, organização de eventos e seminários e consolidação de um projeto editorial de longo alcance, o que nos traz ao livro em questão, que é a primeira publicação deste projeto.

A natureza da obra é claramente interdisciplinar, como é colocado na introdução do livro: “La complejidad y riqueza de este campo de estudio hizo necesaria la participación de especialistas de diversas disciplinas humanísticas, con lo cual se han enriquecido las posibilidades de análisis de las fuentes”. (p.7). Especialmente forte, porém, é a conexão entre a crítica literária e análise historiográfica. Isto é expresso na organização formal do texto que é dividido em duas partes: “História e Crítica” e “Literatura e Crítica”, cada uma contendo cinco artigos que se enquadram mais naquele

determinado campo. Apesar disto, a obra como um todo contém um caráter interdisciplinar e mesmo os artigos da parte de “História e Crítica” trazem discussões interessantes sobre literatura e vice-versa.

O primeiro texto é intitulado “Episodios de la historia medieval em El romancero” e é da autoria de Aurelio González Pérez. Como o título implica, o texto busca se debruçar sobre o *romancero*, o corpo de textos medievais da região da Espanha que, apesar de ser visto às vezes como uma “evolução” das canções de gesta e dos poemas épicos de cavalaria, tendem a ser considerados como “históricos”. O autor discorre bastante sobre os temas mais comuns no *romancero* (grandes batalhas, cercos ou mortes trágicas) e cria uma classificação simplificada dos tipos de textos históricos mais recorrentes, como aqueles que trazem personagens reais (La batalla de las Navas de Tolosa), outros que partem de acontecimentos históricos como base para construção da narrativa (Entrada de los Reyes Católicos em Granada) ou até mesmo aqueles que recriam acontecimentos do passado de forma ficcional (La chanson de Roland). O mais relevante do ponto de vista teórico, porém, é a discussão que o texto busca fazer sobre a historicidade destes tipos de textos, proporcionando ferramentas interessantes para a interpretação e análise deste tipo de fonte.

O segundo texto é do próprio organizador Israel Álvarez Moctezuma e leva o título de “El basileus bizantino, el papa romano y El llamamiento a la Primera Cruzada”. No primeiro momento, o autor faz uma contextualização mais factual do momento histórico da Primeira Cruzada, enfatizando o pedido de ajuda do imperador bizantino às forças cristãs do ocidente, as relações políticas entre as igrejas “ocidental” e “oriental” e a importância do Papa Urbano II dentro de todo este processo. Essa contextualização, porém, parece ser necessária apenas para chegar ao ponto central do texto: o concílio de Clermont. O autor apresenta todas as inovações e a importância que o discurso do Papa Urbano II neste concílio teve na institucionalização da Cruzada e na elaboração de conceitos como “guerra santa” e “peregrinação”. Ao mesmo tempo, são discutidas as suas múltiplas versões (a mais conhecida sendo a de Fulcher de Chartre) e como essas variações apresentavam interpretações e visões diferentes daquele evento a partir do contexto histórico em que havia sido produzido. Com isso, este artigo acaba ampliando a discussão do anterior, utilizando um texto – o discurso do Papa Urbano II em Clermont – como base para uma análise sobre a historicidade das fontes medievais e chamando atenção para o cuidado necessário ao se debruçar sobre essa documentação.

O terceiro artigo é de Daniel Sefami Paz e tem o título de “La coloración simbólica, un falso eclipse de luna em la Historia Hierosolymitana de Fulcher de Chartre”. Esse texto tem um caráter mais breve e bastante descritivo em termos factuais, visto que o foco central é a figura de Fulcher de Chartre e a sua obra “História Hierosolymitana”. O autor desenvolve uma discussão histórica sobre

o cronista, mostrando sua importância como testemunha ocular da primeira cruzada e descrevendo seu provável percurso no período. Após isso, algumas páginas são dedicadas a uma análise mais simbólica de um trecho da “Historia Hierosolymitana” - aquele que cita um eclipse lunar – demonstrando os possíveis significados que esse acontecimento poderia ter.

O quarto texto é intitulado “‘Historia Roderici Campidocti’ (problemas de autoría y fecha)” e é da autoria de Rubén Borden-Eng. Diferente dos outros textos do livro, este é basicamente uma discussão mais consistente acerca da possível autoria de uma obra anônima (a “Historia Roderici Campidocti”). O autor nos mostra o escopo dessa discussão ao apresentar todas as principais hipóteses e argumentos sobre a autoria desta obra. Mesmo para quem não está envolvido diretamente neste debate, porém, o texto se mostra interessante ao expor os vários métodos e raciocínios críticos utilizados na análise de um texto, desde a atenção à linguagem utilizada, até a especulação acerca datação ou as referências geográficas e a outros textos.

O último artigo da primeira parte é de Antonio Rubial García (o outro organizador) e tem o título de “Los ermitaños, un tópico literario en la Edad Media”. Como já fica claro pelo título, este texto busca analisar a figura do eremita como tema da literatura medieval. Inicialmente, o autor também parte de uma contextualização mais histórica e factual, descrevendo as “origens históricas” desses movimentos eremitas no oriente (o anacoretismo), assim como a transição desta cultura para o ocidente e sua relação com a crítica a certos paradigmas da igreja católica. Depois disto, segue para uma análise da figura do eremita dentro da literatura, explorando suas diferentes representações e significados nos mais variados textos (de Chrétien de Troyes até a poesia lírica de “Tristão e Isolda”) além de mostrar a mudança dessas representações ao longo do tempo e concluir que os eremitas são figuras paradigmáticas que representam valores distintos de cada época.

A segunda parte do livro começa com o texto “La sabiduría femenina como reflejo del saber clerical en la Edad Media” de Graciela Cándano Fierro. Este é um dos artigos mais diferentes e interessantes de todo o livro devido ao seu caráter experimental. A autora busca mostrar as opiniões mais comuns acerca do matrimônio na idade média, citando os autores mais renomados que se referiram a este tema, porém, faz isto através de um texto literário, criando um diálogo entre personagens fictícias que, ao discutir uma situação hipotética, expõem estas visões dentro de uma narrativa totalmente criada pela autora. O texto acaba sendo duplamente enriquecedor. Em primeiro lugar, pelo motivo óbvio de fazer um panorama geral de como era visto o matrimônio na idade média de forma simples e direta e, em segundo, por servir como exemplo do potencial da literatura como ferramenta didática, além proporcionar reflexões acerca das possíveis relações entre estes dois campos do conhecimento.

A obra segue com o artigo “Morgana, Agravain, Mordred y Brehus sin Piedad, los malos de la historia artúrica” de Rosalba Lendo Fuentes. Aqui, o objetivo principal da autora é fazer um tipo de estudo de personagens, neste caso analisando alguns dos principais antagonistas da mitologia arturiana. Para alcançar este objetivo, ela traça uma linha por vários romances e textos do cânone arturiano, analisando como estes personagens são representados e por quais mudanças passaram no decorrer do tempo. Assim, vemos como estes vilões tão clássicos quase sempre apareciam inicialmente como figuras positivas dentro das narrativas, e apenas com o tempo acabaram se transformando nessas antíteses dos ideais cavaleirescos e na personificação de todo o mal do universo arturiano.

Em seguida temos mais um artigo que lida com a literatura arturiana, “Variantes, reescritura y transgresión em la literatura medieval (El ejemplo de “Tristán como monje”)” de Cristina Azuela Bernal. Também é uma espécie de estudo de personagem, neste caso da figura de Tristán, dentro do texto citado no título. A autora investe em uma discussão até bem aprofundada sobre o arquétipo do *trickster*, tentando mostrar como o personagem Tristán se enquadraria neste modelo em alguns textos. Porém o mais interessante mesmo é a discussão mais ampla do começo do artigo, onde a autora discorre sobre a importância da tradição oral na literatura medieval e sobre caráter incerto da noção de “autor” naquele contexto, uma vez que era comum a prática de reescrever e modificar textos já existentes quando estes passavam por diferentes copistas, poetas, etc. Isto gerava desde pequenas mudanças ortográficas até narrativas completamente diferentes. Trata-se de um *insight* muito relevante para qualquer um que busque analisar este tipo de texto medieval.

O quarto texto tem o título “Retos y estrategias para El estudio de la narrativa caballeresca hispánica: un estado de la cuestión” e é da autoria de Axayácatl Campos García Rojas. Este também é um artigo diferente dos outros do livro, pois busca fazer um panorama acadêmico geral dos estudos das narrativas de cavalaria hispânicas. Deixando de lado discussões temáticas ou teóricas mais específicas, o autor demonstra como este campo foi visto dentro da academia, desde o inicial desinteresse da filologia até os esforços atuais em intensificar os estudos destes textos (o próprio livro se encaixaria nesta categoria). Além disto, o autor faz questão de ressaltar a relevância destas obras, seja para a história ou para a literatura hispânica realista moderna, porém, também expõe as devidas dificuldades e obstáculos que o campo enfrenta até hoje, sejam elas institucionais ou metodológicas. Por último, o texto acaba se mostrando bastante útil ao apresentar as principais frentes de debate sobre este tema atualmente, citando os maiores colóquios, congressos e seminários, assim como as publicações mais importantes e os sites ou banco de dados de maior relevância. É um texto que não

só mostra o papel do México dentro deste debate, mas que também serve como ponto inicial para novos pesquisadores que buscam se enveredar por este tema.

O último artigo do livro é de José Luis Quezada Alameda e tem o título “El sueño de Enio según Francesco Petrarca”. Neste texto, o foco é a obra “Africa” de Petrarca, que narra as proezas de Cipião Africano, especialmente sua batalha com Aníbal. O autor fornece o contexto histórico dessa obra e apresenta detalhes do processo de escrita da mesma, desde as fontes utilizadas até a visão que o próprio Petrarca tinha da mesma como sua obra prima. Depois de um breve resumo de “Africa”, Luis Quezada muda o foco para a passagem específica do sonho de Enio (poeta romano) e analisa simbolicamente os significados do mesmo, chegando à conclusão de que esta passagem representava o próprio Petrarca se colocando como continuador de uma tradição poética épica (Homero – Enio – Petrarca). É uma discussão interessante sobre a presença de um autor dentro da própria obra e sobre as representações narrativas de suas pretensões artísticas.

Como esses breves resumos evidenciam, os textos contidos neste livro apresentam uma miríade de temas e focos diferentes. O resultado final é uma obra que se destaca pela sua riqueza de conteúdo. Os artigos mais especializados e com recortes mais definidos não alienam possíveis leitores que não sejam familiarizados com os temas tratados, pois trazem, nas suas discussões teóricas e metodológicas, idéias mais amplas que podem ser estimulantes para vários outros temas ou debates. Por outro lado, os textos menos especializados se mostram igualmente úteis (como o nono artigo) e interessantes (como o sexto), e, por essa razão, a obra consegue alcançar um equilíbrio interessante entre manter-se acessível para leitores mais leigos e de pouca bagagem e ao mesmo tempo apresentar o que de mais novo e inovador tem-se discutido dentro deste campo.

O objetivo do livro em proporcionar uma discussão interdisciplinar entre a História e a Literatura também é alcançado. Apesar de alguns artigos investirem mais neste debate teórico do que outros, no geral o conjunto de textos trazem bastante conteúdo interdisciplinar e acabam sendo úteis para pesquisadores de ambos os campos. Apesar disto, a baliza de tratar de textos medievais é clara e bem delimitada. É compreensível que todas estas discussões teóricas estejam sempre inseridas dentro destes limites, afinal, como é dito na introdução, esta é uma publicação que faz parte de um esforço acadêmico em prol do desenvolvimento do medievalismo no México.

Mas, ainda assim, é uma obra facilmente recomendável para pesquisadores de qualquer campo que se interessem pela literatura medieval, especialmente para historiadores ou estudantes de letras. A organização em duas partes do livro faz com que uma acabe sendo mais “familiar” e a outra mais desafiadora e instigante, o que acaba proporcionando relações interessantes e ampliando o escopo das discussões sobre textos literários medievais e sua relação com a História.